



Como escrever para o "Recreio"

O nosso endereço é:

Recreio - Página Infantil do Jornal de Angola - Rua Rainha Ginga, 18/26 - Luanda, ou para o e-mail: ednovembro.dg@nexus.ao.

CONSELHOS

O asseio dos pés

Todos os meninos já ouviram falar do chulé, aquele mau cheiro que sai dos pés quando se tiram os sapatos dos pés. Ele é provocado por micróbios que agem juntamente com o suor do corpo. Uma forma de evitar o chulé é nunca calçar os sapatos com os pés molhados ou sujos. Lave sempre os pés e limpe-os, deixando-os bem secos e calce-os só depois. Lave também os pés sempre que descalçar os sapatos.

PROVÉRBIO

★Se a tua língua se transforma em faca vai cortar a tua boca.

CARTAS DOS AMIGUINHOS

Nós gostamos de estudar

No próximo ano lectivo a minha província, o Bié, vai ter mais 200 novas salas e 20 mil carteiras para que mais crianças possam ir à escola, porque ainda há muitos meninos e meninas que querem aprender, mas não têm lugar na escola ou não têm professores. Com as novas salas, a província do Bié fica mais bem servida. Mas melhor do que saber que vamos ter mais escolas é a certeza de que no próximo ano lectivo está garantida a merenda escolar e todos vamos ter direito a manuais.

Muitas crianças gostavam de ir à escola mas sem merenda escolar acabam por ficar em casa, porque saem cedo de casa e depois não aguentam ficar muito tempo nas aulas sem comer. E até tenho amigos que gostam de ir às aulas porque na escola temos direito à merenda.

Nas escolas da nossa província vamos ter, este ano lectivo que vai entrar, mais crianças e melhores condições. Vai chegar um dia em que todas as crianças em idade escolar vão frequentar as aulas, porque têm salas e professores em número suficiente, e também não vai faltar a merenda escolar.

ALCIDES DOS SANTOS | 12 ANOS | BIÉ

BRINCAR E APRENDER

ADIVINHAS

1. Uma capelinha muito pequenina, com o sacristão vestido de vermelho e os santinhos todos de branco
2. Uma senhorita, muito assenhorada, nunca sai à rua, anda sempre molhada. O que é?
3. Qual é a coisa, qual é ela, que varre o céu todos os dias?
4. Passeia na praça, não é estudante, canta, sabe das horas, mas da morte não sabe.
5. Tem à porta gente armada, mas se ela sai pela porta, eles não defendem nada.

Soluções: 1. A boca, a língua e os dentes; 2. Língua; 3. Língua; 4. Galo; 5. Língua.



SABIAS QUE...

➤ O mundo é cheio de pequenos mistérios. Muito pouca gente já viu ovo de pombo ou assistiu a enterro de anão. Há coisas que ninguém sabe realmente como funcionam. O pequeno bolso das calças jeans também entra nesse leque de grandes mistérios da humanidade.

➤ Os bolsos pequenos serviam para guardar os relógios. Mas, mais tarde os relógios de bolso caíram em desuso e encontraram novas funcionalidades para o pequeno bolso. Hoje, há pessoas que o usam para guardar moedas, pendurar óculos ou guardar o isqueiro.

➤ Há quem até o use apenas para descansar os braços. Tudo depende da imaginação de cada um.



CONTOS POPULARES ANGOLANOS

O viajante prodigioso que veio do mar

SEKE IA BINDO |

O mar nunca aceita estranhos em casa. Cedo ou tarde atira os intrusos para as praias. Foi assim que chegou a Pinda um homem e um cão, feitos destroços de uma tempestade que afundou o barco em que viajavam. O naufrago falava uma língua estranha e não sabia revelar o seu nome. Por isso foi nomeado de Muntu. O cão tinha pelo abundante e cobreado, era corpulento e tinha olhos meigos. Chamaram-lhe Mbizi.

Quando os pescadores encontraram o homem expulso pelo mar, o cão lambia-lhe o rosto para aquecê-lo e ele respirava tão levemente que se percebia a extinção a qualquer momento. Foi agasalhado, como eram todos os viajantes que aportavam a Pinda. Comeu e bebeu, aprendeu a falar e a dizer. Um dia fez a sua casa e ali ficou com o cão. Muntu era da grande família de Pinda, que se estendia até ao mar do Nzeto. O seu espírito de viajante levou-o ao Mbridge e até mais longe, ao mar aberto do Ambriz.

Muntu era um viajante perpétuo e mal descansava os pés partia logo para outra viagem. Nos intervalos sabia descrever às crianças tudo o

que via, todos os trilhos que abria, todas as ideias que punha a voar no céu livre do reino da paz e da abundância. Ele descobriu que os jacarés do Mbridge mergulham nas águas profundas do rio, para não apanharem os pingos de chuva.

O chefe da aldeia então perguntou-lhe: - Como resististe ao mar?

E ele respondeu:

- Porque tinha de salvar o meu cão. Jamais partiria, nem para o mundo dos mortos, sem o Mbizi.

- Mas foi ele que te acalentou quando sucumbias na praia...

- Por isso resisti até ao limite. Sabia que um dia ele me ia ensinar o que é a amizade de braços abertos e a lealdade até ao último alento.

Muntu não constituiu família nem aceitou um palmo de terra para fazer a sua lavra. Mas trabalhava nas lavras dos vizinhos e ajudava nas colheitas. Por isso todos o alimentavam de bom grado, até ao dia em que voltava a partir com o seu fiel Mbizi, percorrendo caminhos escondidos nas matas fechadas do Norte.

Muntu não constituiu família nem aceitou um palmo de terra para fazer a sua lavra. Mas trabalhava nas lavras dos vizinhos e ajudava nas colheitas. Por isso todos o alimentavam de bom grado, até ao dia em que voltava a partir com o seu fiel Mbizi, percorrendo caminhos escondidos nas matas fechadas do Norte.



CASIMIRO PEDRO

que via, todos os trilhos que abria, todas as ideias que punha a voar no céu livre do reino da paz e da abundância. Ele descobriu que os jacarés do Mbridge mergulham nas águas profundas do rio, para não apanharem os pingos de chuva.

Um dia as crianças chegavam de mansinho para espreitar Muntu e ele já tinha partido para outra viagem. Era mais triste do que ver

partir a bela borboleta prestes a ser apanhada. Quando Muntu regressava havia alegria na aldeia, porque nessa noite ele contava tudo o que tinha vivido lá longe, onde as montanhas são mais altas do que o firmamento. Não se cansava de falar e contar. Quase sempre as crianças adormeciam a meio de uma das suas histórias fantásticas. Um dia Muntu regressou de viagem e Pinda estava triste. As lavras foram arrasadas por pragas e o mar dava pouco peixe. O chefe da aldeia chamou-o e perguntou-lhe:

- O que havemos de fazer para o povo ter abundância? Muntu juntou os pescadores e ensinou-os a fazer redes para pescar no alto mar. Depois fizeram canoas mais sólidas, que corriam na água empurradas pelo vento batendo na vela feita de fibras de lianas. E quando estavam longe da terra, ensinou-os a navegar pelas estrelas do Cruzeiro do Sul. Em breve voltou a abundância e o chefe da aldeia perguntou-lhe o que queria em troca.

E ele disse que só desejava que ninguém mais esquecesse esta verdade:

- Muntu wa sala kafwe nzala. Muntu wa wuta kassâdi kaka. Muntu wa sopa kazingi kaka. Os que trabalham não podem passar fome. Quem casa não pode viver na solidão. Quem tem filhos não pode ser abandonado à sua sorte quando envelhece.

O povo de Pinda deu as mãos, cada um acalentou os mais desesperados, todos se uniram para arrancar da terra o sustento, caçar a imponente mpakassa, ir ao alto mar pescar o peixe que não abundava nas praias. Todas as casas tinham comida, todos recuperaram a alegria. Muntu só voltou a viajar quando a última criança da aldeia dormia repleta e os bebês soltavam pelo canto da boca um fio do leite materno e arrotavam de satisfação.

O chefe da aldeia, quando viu Muntu e o seu fiel Mbizi a caminho de nova viagem, disse:

- Desta vez partes tarde, não quisesse deixar os teus irmãos com fome... - E Muntu respondeu com um sorriso enigmático:

- Mbote wasukinina kansi ku kondi ko!

É mesmo verdade: mais vale tarde do que nunca!